19

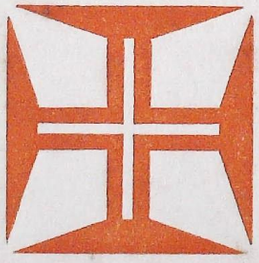
www.vieiraguimaraes.pt

PORTUGAL

A Estremadura

POR

VIEIRA GUIMARÃES



10 JAN. 1930

EXPOSIÇÃO PORTUGUESA EM SEVILHA

A ESTREMADURA

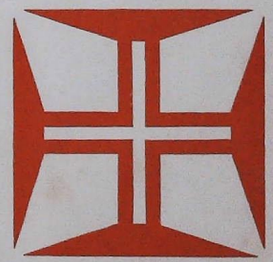
www.vieiraguimaraes.pt

PORTUGAL

A Estremadura

POR

VIEIRA GUIMARÃES



EXPOSIÇÃO PORTUGUESA EM SEVILHA

www.bibliaguimaraes.pt

ESCOLA TIPOGRÁFICA
DA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA
M · CM · XXIX

www.vivaguimaraes.pt

A ESTREMADURA

NA LUTA HERCÚLEA PARA A FORMAÇÃO DAS neo-nacionalidades cristãs da península, tempo houve que uma como que paragem se deu, no constante batalhar contra os povos que de África, ao mando supremo de Tarik, tinham vindo e que agora iam sendo tam valorosamente rechaçados.

Foi ela quási ou ao chegar a reconquista às margens do Tejo, dando origem a uma larga faixa de território que formava limite extremo que dividia as terras dos cristãos das dos mouros, e como dividir, nos primórdios das novas línguas, era. estremar, daí a palavra Estremadura dada a estas terras.

Não só nelas, que fariam parte de Portugal, ficou êste nome, havendo também uma Estremadura de Leão, que principiava nas vizinhanças de Salamanca, e a de Castela, que tinha por cidade principal Segóvia.

Esta denominação, que é a que mais visos de verdade parece ter, persistiu ao dividirem-se administrativamente os novos reinos; embora hoje a nossa província da Estremadura não corresponda geogràficamente à zona territorial que lhe deu o nome, pois aumentada está até às terras que formam hoje o distrito administrativo da industrial Setúbal e aos ubérrimos e charnequentos concelhos da Chamusca, Alpiarça, Almeirim, Salvaterra, Benavente, Coruche, Alcochete e Aldeia Galega.

Da de Portugal, pois, nos vamos ocupar, não como merece, mas consoante o que a seu respeito sabemos e às dimensões dadas a publicações desta natureza.

É ela uma das oito províncias de Portugal que mais importância tem pela sua área (17:955 quilómetros quadrados), pela sua população (1.547:679 habitantes), pelo seu adiantamento, por ter sido o palco gigante onde os mais altos interêsses nacionais se têm debatido pelas armas (Campo de Ourique, Aljubarrota, Linhas de Tôrres, Asseiceira, etc.), e onde pela natureza da rocha (calcáreo) foram levantados os nossos mais belos, grandiosos e patrióticos monumentos (Alcobaça, Batalha, Belém, Mafra e Tomar).

Vinda dos contrafortes meridionais da Serra da Estrêla, separa-se da do Douro pelas terras de Pombal, da da Beira Baixa pelas serranias do Zêzere e da do Alentejo pela Serra de S. Mamede e pelos plainos do Alto e Baixo Alentejo, tendo ao poente o Oceano Atlântico.

É sua entrada principal por êste, que recebe as águas do famoso Tejo, que num canal, num estuário e num delta forma um dos melhores portos naturais do mundo, enriquecido hoje com grandes acomodações para a navegação do mais alto calado e servido pela formosíssima Lisboa, que toda ela, pelos numerosos pontos de vista do seu relêvo acidentado, se remira nas reluzentes águas do seu áureo rio.

Cortada esta província na direcção NE. a SO. pela série de elevações, Sicó (551 metros), Aire (677 metros), Candeeiros (613 metros), Monte Junto (666 metros) e Sintra (529 metros), e tendo ao sul a Arrábida (499 metros), independentes do relêvo que os fenómenos orogénicos da Meseta Ibérica produziram, a que pertencem os quatro sistemas de serranias, Galaico-Duriense, Lusitânio-Castelhano, Toledano e Mariânico, morre seu solo ao poente numa acidentação formosa e pitoresca, onde corre o Sizandro, que banha a vinícola Tôrres Vedras, cujo nome faz lembrar essas célebres linhas que Wellington construíu, desde Alhandra à praia de S. Julião da Barra, para se defender dos soldados de Massena quando da terceira invasão, em 1810; o Arnóia, que vai sumir-se na encantadora lagoa de Óbidos, muito perto desta roqueira vila e da artística e termal Caldas da Rainha; o Lena, que acaricia a ogival Batalha; o Lis, que embeleza a côrte do trovador D. Dinis; o Alcoa e o Baça, que enriquecem a célebre Alcobaça; o Arunca, que rega as veigas férteis do marquesado de Pombal, e franja-se em um sem número de aberturas, dando origem a praias de banhos de certa notoriedade: a modesta Maçãs, a histórica Ericeira, a solitária Santa Cruz, a atraente Peniche, a côncava S. Martinho, a linda Nazaré, a areenta Vieira, etc.

A nascente daquela linha orográfica, vemos, ao norte, a bacia do famoso e encantador Nabão, que a Sicó separa da do Arunca, aumentar de volume com o enorme caudal do seu principal nascente (o Agroal), de preciosas águas carbonatadas, sulfatadas calcicas e cloretadas, aplicadas em dispepsias e intercolites atónicas, e vir em procura do bravo Zêzere, tendo antes dado movimento a cinco fábricas de papel das mais importantes de Portugal

www.vieiragomes.pt

e a uma de fiação e tecelagem de algodão que vem dos tempos do célebre industrial francês Jácome Ratton; depois o Zêzere, bravio e rico de águas invernosas, irromper por terras estremenhas à altura da famosa ponte do Cabril, que liga as suas altas e apertadíssimas vertentes, onde se aprecia um dos sítios mais atraentes e deleitosos de Portugal pelo seu pitoresco e por inúmeras condições topográficas e históricas que o celebrizam; o Almonda rodear, em cavado fundo, os velhos muros do torreado castelo da industrial Tôrres Novas; o Alviela, pobre de águas por lhas terem canalizado a abastecer Lisboa, formar de inverno, em pulo gigante, a cachoeira soberba de Pernes; o Alenquer banhar a estremecida côrte de D. Leonor Teles e a sepultura célebre do muito alto humanista Damião de Góis, vindo todos quatro e o serpeante Sorraia com seus afluentes, da outra margem, confundir suas águas no largo e brando Tejo.

Formando em longínquas eras, a jusante das Portas de Ródão, o leito dêste rio (212 quilómetros) um afundimento terciário, onde o nosso grande geólogo Carlos Ribeiro quis ver vestígios da existência do homem dêsse período, tem vindo êle a ser cheio, e continuar-se há através dos tempos, emquanto as condições telúricas forem as actuais, pelos depósitos terrosos que, carreados pelas águas, foram originados pela acção desgastadora dos elementos sôbre os montes e serranias da sua bacia (80:820 quilómetros quadrados, sendo em Portugal 24:979 aproximadamente), que principia, lá longe, no interior da Meseta Ibérica, na Serra de Alberracin e que acaba a 15 quilómetros a oeste de Lisboa, em Oeiras.

Rico de sedimento, ubérrimo de humos e húmido de águas, é esta aluvião um torrão bemdito tanto numa como noutra margem e as suas largas culturas arvense (trigo, milho, favas, principalmente), a arbustiva (vinhas) e a arbórea (que pouco mais longe vai do choupo, salgueiro e freixo, limitando propriedades ou cursos de água) florescem exuberantemente, sendo por assim dizer a mais afamada região agrícola de Portugal, como já o tinha sido no período anterior (árabe), em que a acastelada Santarém era a sua cabeça e o seu celeiro, como capital do *Ribatejo* ou *Borda de Água*, designações estas por que é conhecido hoje êste grande trato da Estremadura que o Tejo banha e serve.

Apesar da diversidade extrema do seu relêvo, não é esta província das menos cultivadas, antes pelo contrário, pois, constando a sua área de 1.833:860 hectares, tem em cultivo 1.064:597, sendo esta área distribuída pela cultura arvense, hortícola, etc., em 346:866 (por toda a Estremadura); em vinhas 115:620 (Alenquer, Almeirim, Alpiarça, Bombarral, Bucelas, Cartaxo, Colares, Leiria, Mafra, Santarém, Tôrres Vedras, Setúbal, Rio Frio, Lavradio); em olivais 128:139 (Golegã, Santarém, Tomar, Tôrres Novas); montados: em azinheiras 23:146 (concelhos além do Tejo);

em sobreiros 128:784 (concelhos além do Tejo); em matas: pinhais 217:460 (Leiria, Marinha Grande, Nazaré, Caldas da Rainha) e em diversas outras árvores 97:810 (por toda a Estremadura), o que não é de admirar atentas as suas ultra favoráveis condições de terreno, de hidrologia e de clima.

Foram, sem dúvida, também estas importantes condições mesológicas que a fizeram bem querida de todas as raças que dela seriam ou a ela viriam ante-história, como das que de fora a demandaram nos tempos históricos.

Para aquelas, grande espaço nos levaria a destrinçá-las, mas destas conhecidas vão já as provas da sua existência, para que as referiramos.

Fenícios, de que restam os nomes: Lisboa, Tejo, Lusitânia; gregos, que nos deixaram a linha artística de muitos tipos ribatejanos; cartagineses, que comerciaram mais largamente do que os seus ascendentes de raça; romanos, que se fixaram em *Equabana* (Coina), em *Salacia* (Alcácer), em *Caetobriga* (Setúbal), em *Olisipo* (Lisboa), em *Jerabriga* (Alenquer), em *Scalabis* (Santarém), em *Tubucii* (Abrantes), em *Sellium* (Tomar), em *Calipso* (Leiria); alanos, vândalos, suevos, visigodos, normandos, que pelos seus campos e bordas dos rios se espalharam; árabes, que se instalaram nas antigas povoações; judeus, embora remissos ao contacto cristão, alguns se acasalaram; cruzados do norte povoam Atouguia sob o comando de Descornes, Lourinhã sob o comando de Jourdan, Vila Verde sob o comando de Alardo, Azambuja, Sezimbra, etc.; pretos da aluvião das nossas importações, principalmente do fim do século XVI, e ciganos, que, os únicos impromíscuos, vão dando um carácter estranho às feiras de gado da Borda de Água, todos a ela se acolheram e num trabalho de séculos originaram essa raça forte, trabalhadora e inteligente que a domina e a moureja hoje no afã egoísta e altruísta de muito contribuir para o progresso seu e colectivo.

Espalhada por seus deliciosos vales, largas campinas e altos montes, diversidades apresenta, embora pequenas diferenças sejam patentes nos seus caracteres etnológicos, por quatro distritos, por sete cidades, muitas vilas e muitos lugares, se agrupa, indo nós dar resenha daquelas povoações que o mereçam pelo seu papel artístico, histórico e pitoresco, com o intuito de o bem frisar, no interêsse de quem as queira estudar, admirar e visitar, por muito dignas serem.

Comecemos por:

SETÚBAL

Hoje cabeça de distrito administrativo, é principalmente centro duma região privilegiada pela doçura do seu clima, pela fecundidade do seu torrão, pela saboriedade de suas laranjas, pela grandeza das suas marinhas, pela frescura das sardinhas e salmonetes do seu mar, pela importância da sua

indústria de conservas de peixe e pela beleza da sua encantadora paisagem.

A sua população piscatória aproxima-se de 3:500 homens, que tripulam uns 800 barcos, e as suas fábricas de conservas ocupam uns 1:500 operários.

Situada na margem direita do Sado, que a breve trecho mistura suas águas com as do Oceano, não prima pelo alargamento, directura e soalhamento de suas ruas, mas, se sairmos fora dêste recinto, nós somos presos pelos encantos da sua baía e pelas doces perspectivas de seus montes e plainos circunvizinhos.

Antes de sairmos, vejamos um ou outro monumento com que se embeleza e afama.

Da igreja de S. Julião notemos a lavrada portada, que é uma preciosa obra do século XVI; entremos depois na igreja notável do capucho convento de Jesus, mandada construir, em 1490, pela ama de D. Manuel I, Justa Rodrigues Pereira, ao célebre arquitecto Boitac, admirando as suas linhas e ornamentos manuelinos, não esquecendo de reparar no material empregado na construção: o lindo conglomerado policrómico da próxima Serra da Arrábida; olhemos para a velha casa onde, segundo é fama, a uma das suas janelas, se desenrolou, rápida, a tragédia célebre do apunhalamento do Duque de Viseu, novel mestre da Ordem de Cristo e imprudente chefe da conspiração contra D. João II, grande rei de Portugal, que assim teve de responder ao estouvado *matá-lo-ia primeiro*, e por fim desfilemos perante a pobre memória do grande, genial e original poeta arcádico *Elmano Sadino* —Bocage— que é ali representado no alto duma coluna, de cabeça descoberta, capa pendente ao ombro, tendo na mão direita uma pena e na esquerda umas fôlhas de papel.

Agora saiamos e admiremos por toda a parte a fragância do seu ambiente, empregnado de finos aromas da flor de laranjeira, ou então encantemo-nos com o olhar de fúlvidos pomos que o sol doira e que o paladar aprecia, como comida celestial.

Não só na terra encontramos encantos nos soberbos quadros duma beleza ideal que contornam a rainha do Sado.

O mar de Setúbal é sem igual nas costas iberas.

A sua côr é inenarrável, assim como a do ar que cobre êsse mar de safira. O rochoso do seu fundo e a verdura das suas altas arribas, formadas pela vertente sul, coberta de alecrim e medronheiros, dessa encantadora Serra da Arrábida, que é um hino, na sua soberba e enebriante vegetação, ao Deus da Natureza, e por onde vagueou um dos mais célebres espíritos poéticos dos nossos tempos idos, Frei Agostinho da Cruz, muito contribuem para êsse tom delicioso das espelhentas águas da sua inesquecida baía que só na famosa *Côte d'Azur* terá rival.

www.vieiradecastro.pt

SANTARÉM

De quando virá a rainha do Ribatejo não se sabe.

Romanos foram os primeiros muros de seu castelo, e seu nome, de *Scalabis*, do mitológico rei Abidis, que era, a *Scalabiscatrum* passou e *Julia Presidium* recebeu depois, em honra do imortal conquistador da Gália e do pacificador da Ibéria, e o de *Sanctaeiren* tomou pela fama que adquiriu após a grande tragédia ocorrida na povoação (hoje Tomar) das margens do Nabão que ali veio a findar, recebendo o corpo inânime da virgem Iria.

LEZÍRIAS DO TEJO—CAMPINO

Contemos o passo.

Iria, jovem de peregrina beleza e austera castidade, era freira num convento situado nas margens daquele rio, onde outrora havia existido a cidade de Sellium, e, entregue aos cuidados de suas tias, Casta e Júlia, freiras também, não pôde a fama de suas maravilhosas prendas ficar isolada adentro da clausura, o que fez extremosamente enamorar-se dela, Britaldo, filho do conde que governava aquele território pelos anos 653.

A êsse ardente amor correspondeu ela, dizendo que era toda do céu e não da terra, dando esta resposta causa a terrível doença, que não chegou a ser mortal devido ao milagre operado pelas palavras de confôrto da linda e santa freira, que ao pé do triste enfêrmo foi levada por revelação divina.

Passado tempo, também de suas excelsas qualidades se deixou atrair, por demónica tentação, declarando-lho, o seu professor, Remígio, que não só esqueceu sua respeitável posição como sua muita idade, do que resultou Iria abominá-lo.

Cego de sua paixão e ardendo em ódio, vingança jurou tirar do desprêzo com que foi tratado pela divinal donzela, para o que recorreu a certa erva, cujo sumo, dissimuladamente, por se mostrar arrependido da sua feia acção, lhe pôde propinar, dando origem à incauta freira aparecer com sinais de gravidez, que fez levantar grande murmuração dentro do convento, com grande alegria do diabólico aio, chegando essa maledicência a saltar os muros do cenóbio.

Sabido isto pelo ciümento e nunca são Britaldo, que se via vergonhosamente preterido por outrem, um assassino comprou para matar aquela

LEZÍRIAS DO TEJO—MÊDAS DE PALHA

que enganado o tinha trazido e lançar seu corpo ao rio. Assim feito por Banão, foi o cadáver levado pelo Nabão ao Zêzere e dêste ao Tejo, parando nas louras praias dêste no sopé da velha Scalabis, donde, por mais que fôsse feito, por Selio, tio da morta, e mais povo que o acompanhava, impossível foi levar, pois tam milagrosamente pesado se apresentava.

De fama em fama, seus milagres se acumularam e a roqueiral *Julia Praesidium* viu mudado seu nome em *Sanctaeiren*, que a dominação árabe subseqüente converteu em *Xenserin*, *Xantarin*, e a neo-cristã em *Santa Herena*, *Sanctaren*, sendo hoje Santarém.

Esta linda lenda, que em resumidas palavras damos, é, segundo os abalizados escritores D. Carolina Michaëlis e Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, genuïnamente portuguesa e é de tal ternura, amor, e tanta retumbância teve o caso que perpetua, que espalhada em verso anda por Portugal, pelos Açôres, pela Madeira e pelo Brasil, em umas vinte povoações, onde se colheu, sem se saber se mais alguma versão há por outras terras.

www.vidaslusiadas.pt

Santarém, que tam importante foi no tempo dos romanos que chegou a ter a honra de ser um dos cinco *Conventus* que existiram na Península e que também no tempo da dominação árabe-berbere considerada chegou a ser uma das primeiras cidades muçulmanas da Belata famosa, ainda teve, depois da conquista, um período brilhante de arte e de grandezas, mas de há muito decaindo tem vindo, até ao estado actual, representando um pálido reflexo do que foi, não se impondo ao turista senão pelas suas venerandas memórias; pela lembrança de seus ilustres filhos, desde o remoto e celebrado *Fausto nacional*, São Frei Gil, até o nosso contemporâneo, o *sem pavor e sem mácula* Bayard português, o notável Marquês de Sá da Bandeira, o libertador dos pretos, a quem acaba de ser levantada uma estátua numa das suas praças; pelo seu românico Alporão, que é, desde 1876, museu distrital, onde avulta, como jóia preciosa, o lindo túmulo dum dente de D. Duarte de Meneses, o heróico salvador de D. Afonso V, numa das entradas em África; pela sua ogival fonte das Figueiras; pelos restos belos dos Conventos de S. Francisco e de Santa Clara; pelo seu característico e regionalíssimo *Cabaceiro;* pela ogival igreja da Graça, com sua finamente rendilhada rosácea em uma só pedra burilada, igreja onde repousam os ossos do preclaro descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral; e pelo seu admirável e majestoso panorama da Porta do Sol, única porta que resta da sua amuralhada cintura.

Daqui a vista espraia-se por todo o grandioso vale do Tejo, tendo por limites ao norte Abrantes e ao sul Palmela.

É subir ao torreão, onde, decerto, outrora flutuaram ao vento de todos os quadrantes as águias romanas, depois o crescente sarraceno e hoje flutua

UMA TRALHOADA

www.vergilioraes.pt

a bandeira das quinas, e ver em baixo, bem cosida com o pé do monte, a linha férrea que a Santarém nos conduz, logo após o largo Tejo abraçado em suas margens pela elegante ponte de D. Luís I, que a perto Santa Iria em seu pedestal olha protectoralmente e depois o quadro dilata-se e o horizonte, só muito longe, é que se fixa e a nossa vista dificilmente o apreende lá para as esfumadas terras de olivedo e de montado do Alentejo.

Mas, olhando mais chegado, temos para o norte as floridas hortas das Assacaias, ao pé, limitadas pela vala de *Alvisquer de Fora*, que bem perto passa da pre-histórica *mamoa* (Monte do Trigo), que dali, donde estamos, se avista; mais distante a casaria da abastada Alcanhões; muito afastada a mancha negra, confusa de colinas, onde se adivinham: a cerealífera Vale de Figueira, a oleícola Azinhaga, a policultural Golegã, a nobre Cardiga, o roqueiral e lendário Almourol, a *fresca* Abrantes e, tornejando com a vista pela direita êsse panorama largo, como um mar, descortina-se o Tejo a afastar-se da alva Chamusca e mais perto limitar os vinícolos campos da democrática Alpiarça e da cortesã Almeirim, onde ao longe a nobre Quinta de Alorna se destaca, num ar grande de feudalismo e, ao pé de nós, uns restos do velho pinhal dionísio de Escaroupim põe uma mancha de altanaria e de opulência; a saüdar o velho Alfange; a beijar as mimosas Ómnias e a separar as margens pingues, da direita curta, mas rica, e a da esquerda as vastas e planas lezírias da impaludada Mugem, da solarenga Salvaterra, da sísmica Benavente, da real Samora, da alva Alcochete, de onde sobressai muito difuso, na sua altiva fortaleza, o castelo de Palmela, outrora sentinela vigilante a dar o alarme de correria agarena, com os luzentes fachos da sua alta tôrre, a Santarém para esta o transmitir, por seu turno, a Abrantes.

ABRANTES

¿Quem teria a necessidade de aproveitar êste importante ponto estratégico que, sobranceiro ao Tejo, existe, e que, por muitos séculos, foi como que chave dêle nas estradas das Beiras e do Alto Alentejo?

Talvez o primeiro homem que, em guerra, por ali passou.

Mas, sem dúvida aos romanos, grandes mestres na arte de Marte, se deve atribuir o terem visto a importância dêsse padrasto inexpugnável, dizendo-se que foi um seu cônsul, Júlio Caio Bruto, que o mandou coroar de fortes muralhas, à roda das quais se formaria a povoação que, não será muito errar, se lhe dermos o nome de *Tubucci* que Antonino traz no seu *Itinerario*.

Depois, os germanos, que à Península vieram, o conquistariam e o disputariam nas lutas infrenes que entre si tiveram, sendo de crer que o nome

de *Aurantes* lhe puseram, pelo muito ouro que, nas horas de paz, ali tiravam das areias do Tejo.

Em seguida, os árabes grande incremento lhe dariam, em atenção a estar numa grande e fecunda região agrícola, impondo-lhe, segundo parece, o nome de *Libia*.

D. Afonso Henriques, descendo até ao Tejo com suas tropas, reconheceu-lhe o valor, mas Santarém e Lisboa tinham muito mais importância e tomá-las era o seu principal fito.

Havidas em 1147, não tardaria que Abrantes fôsse pelas armas adquirida ou pelos árabes-berberes abandonada, após a conquista daquelas fortes e ricas cidades.

Vindo-lhe à mão, pelos anos de 1148, suficiente guarnição lhe pôs, pois, por mais que Jacub, 31 anos depois, lhe fizesse e apertasse o assédio ao ter invadido a sua Belata querida, impossível foi desalojar de lá a valente e heróica guarnição.

O Conquistador deu-lhe foral, com o que desenvolvimento tomou, indo aumentando através dos tempos, porquanto a sua posição, não guerreira agora, mas económica, a fazia ser o grande pôrto de embarque dos produtos agrícolas e industriais das Beiras que ao Tejo vinham, para serem levadas rio abaixo para todo o Ribatejo e para Lisboa, assim como destas terras produtos também iam para ela, para daí as récuas os levarem para o interior da província.

Dêsse desenvolvimento económico, veio-lhe grandeza e riqueza, como empório que era dessas mercadorias, tendo desaparecido hoje pela construção dos caminhos de ferro do leste e do da Beira Baixa, que as carreiam sem do Tejo se importarem.

Contudo a sua agricultura é desenvolvida e aperfeiçoadas indústrias correlativas se têm estabelecido, não no alto da cidade, mas em baixo à beira das linhas férreas, de maneira a dar-lhe lustre e progresso.

Não deixaremos

> ..... a fresca Abrantes,
> Abrantes que também da fonte fria
> Do Tejo logra as águas abundantes,

sem, a quem a ela queira subir, lhe apontar o variadíssimo panorama que do alto do seu castelo se disfruta, porque não é só a vasta planície do Tejo que se admira, mas também a grande extensão de montes cobertos de olival, pinhal, etc., que do norte e ocidente ali vêm morrer, por entre cujo arvoredo se vêem inúmeros povoados, sobressaindo a oliveirenta Vila de Rei, a nogueiral Sardoal e a risonha Constância, que tam ligada anda,

segundo alguns escritores, a Camões, por nela ter sofrido a pena de destêrro pelos seus mal-aventurados amores com alguma das muitas Catarinas que se lhe atribuem; sem lhe chamar a atenção para a próxima igreja de Santa Maria, que de eras velhas vem e que foi há pouco convertida num museu regional, onde têm lugar, como primeiras e mais preciosas jóias, os túmulos dos Almeidas, alcaides-mores e condes de Abrantes, e lhe lembrar que Abrantes foi pátria do maior cómico português, nos tempos modernos, o grande e insigne Taborda.

LEIRIA

Calipso, dizem arqueólogos antigos e modernos, se chamou, nos tempos dos romanos, a cidade que por ali houve e as pedras do seu famoso castelo o atestam e de mais nenhum outro nome sabemos que tivesse por seguro, a não ser o de *Leirena*, com que D. Afonso Henriques a intitulou ao dar fundamento em 1135 ao seu castelo, por ser um ponto da mais alta importância, então, como lugar de defensão para seus estados, como outrossim para guerrear os descendentes de Agar que do sul de Belata saíam e que por ali também encaminhavam as suas incursões para o norte.

Estes, os agarenos, não puderam receber a bem tal construção e não tardaram, 1137, que não levassem de investida a novel fortaleza, apesar da luta heróica, em sua defesa operada, pelo seu valoroso alcaide Paio Guterres.

Esta desfeita sofrida pelos defensores de Leiria e o destrôço, ao mesmo tempo, de fôrças cristãs nas margens do Nabão, às alturas da hoje cidade de Tomar, fizeram com que D. Afonso Henriques preparasse fôrças militares e ao ter léu se pusesse em marcha para o sul, dando-se a batalha de Ourique, 1139, que, segundo modernos escritores, fica nas Chãs de Ourique, perto da hoje vila do Cartaxo, e não nos confins do Alentejo, como se tem suposto.

De novo restaurado foi o Castelo de Leiria, mas, acometido de novo, de novo foi tomado, 1140, tendo morrido grande parte da sua guarnição em defesa dêle e outra parte presa juntamente com o seu antigo alcaide Paio Guterres. Logo que pôde, *O Conquistador* aproveitou a forte posição e nela instalou tropas, mas, tomada Santarém e a seguir Lisboa, Leiria deixou de ter a importância estratégica dos anos anteriores, passando a ser povoação toda entregue ao cultivo de seus campos e ao amanho das feracíssimas hortas de seu pitoresco Lis, cujos encantos tanto foram do agrado do rei *Lavrador*, que dela fez sua côrte, instalando-se no seu castelo, que ampliou e aformoseou, tendo tido a feliz lembrança, ou necessidade, para

www.leiriamuitofes.pt

o proteger das dunas do mar próximo, de mandar semear o famoso e ainda hoje existente pinhal que tam rico é por seus produtos, contribuindo muitíssimo para dar vida a indústrias importantes, como a de vidros, que originou, a meio dêle, a povoação que só dêste fabrico vive, denominada Marinha Grande.

Leiria, coroada pelo seu castelo, que outro igual em formosura e grandeza não existe em Portugal, embora em avançado estado de ruína, que uma associação patriótica tenta restaurar no todo, tem vindo a alargar seu âmbito, estendendo-se pelas margens do rio, devido ao desenvolvimento do seu comércio e ao adiantamento de sua indústria.

Cidade desde os tempos em que D. João III alcançou de Roma a bula de Paulo III para a criação do seu antigo bispado e hoje cabeça de distrito e nova sede episcopal, tem a honra de ser pátria do notável escritor do fim do século XVI e princípios do século XVII, Francisco Rodrigues Lôbo, que deixou na sua *Côrte na aldeia e noites de inverno*, nas suas *Eclogas*, e em mais obras, provas sobejas dos seus grandes talentos e vasto saber.

CALDAS DA RAINHA

Vila ainda há pouco, é, desde recente data, cidade que bem mereceu êste título pelo seu comércio, pela sua indústria e pelo seu trabalho.

Devendo a sua origem a uma copiosa nascente de águas sulfúreas que a munificência e a caridade de uma grande rainha de Portugal —D. Leonor, mulher de D. João II— aproveitou para abastecimento de um hospital que no sítio mandou edificar e dotou, não menos deve o seu desenvolvimento a êste grande rei, que privilegiou os seus primeiros moradores com a isenção do pagamento de jugada, oitava, sisa ou portagem, assim como as pessoas que a ela viessem comerciar, o que decerto ainda hoje se faz sentir no seu grande e abastecidíssimo mercado semanal, o principal da província da Estremadura.

Tal foi o poderoso incentivo que ràpidamente se estabeleceram ali muitos vizinhos, obrigando por isso ao próprio D. João II a elevá-la à categoria de vila, tendo ela tomado o nome de Caldas da Rainha em honra da sua benemérita e humanitária fundadora e protectora.

Entregue à exploração das suas salutíferas águas e restrita ao Hospital de D. Leonor, que só comportava seis enfermarias, assim viveu até ao século XVIII, em que o reumatismo gotoso de D. João V ali chamou este faustoso rei e a sua côrte por mais de 12 anos, resultando a esta formosa vila grande aumento na sua casaria, começando pelo hospital, que, por velho, já estava algo arruïnado.

www.viagens.pt

D. João V, não olhando a despesas, como costume era o seu, e aproveitando sòmente do antigo a artística igreja e tôrre, fez construir um novo hospital, sob um plano arquitectónico que bem denuncia a sua época, novos banhos, oficinas e um palácio real com uma espaçosa cêrca que foi povoada de muito e variado arvoredo, sendo hoje um dos passeios públicos da cidade, que conta mais outro muito formoso, o da *Copa*, em que se destaca a rica alameda de plátanos, cujas sombras, nos meses cálidos, muito saboreadas são pela enorme concorrência de forasteiros, uns doentes e outros não, que ali acorrem das mais variadas partes do País, principalmente Lisboa.

Não são só hoje as suas afamadas termas com as suas sulfúreas, cálcicas e cloretadas águas, aplicadas em reumatismos sub-agudos, linfatismos e broncorreias, e as deliciosidades de seu clima que concorrem para o progresso da nova cidade.

O diligente e afanoso trabalho, a que se entregam os moradores, faz com que os seus campos circunvizinhos se desentranhem em inúmeros e abundantes produtos agrícolas e que de sua terra, do seu barro, mãos, de longa data artísticas, façam sair obras tam admiràvelmente confeccionadas que causam justos desejos em possuir, dando origem à grande venda que têm, pois todos que vão às Caldas da Rainha procuram levar, pelo menos, uma artística *lembrança* da sua incomparável cerâmica.

*

Descritas estas cidades ao fugir da pena e no pouco espaço destinado à tam artística, característica e histórica província da Estremadura, vejamos agora se, nas páginas que nos restam, alguma cousa, do muito que dever seria, podemos referir da famosa e patriótica Trilogia monumental de Alcobaça, Batalha e Tomar, que na alta Estremadura existe, como que em línha recta, e que são três poemas de pedra que rememoram os feitos épicos da Fundação de Portugal, da sua Independência e da sua Expansão.

Pena é que o tam falado caminho de ferro de Tomar (melhor seria Entroncamento), Agroal, Ourém, Fátima, Reguengo, Batalha (ramal de Leiria), Porto de Mós, Alcobaça e Nazaré, já classificado, estudado e concedido a uma emprêsa, não seja ao presente uma realidade para comodidade e certeza do viageiro, que assim tem de procurar, no incerto automóvel, condução para ver êsses três monumentos que, sem contestação, passam pelos mais belos, artísticos e patrióticos de Portugal e que muito deviam ser visitados para que fôssem admirados em sua esplendorosa arte e em sua significação histórica.

Começamos pelo mais antigo.

ALCOBAÇA

ALCOBAÇA—FACHADA DA IGREJA

Contam velhas e incertas crónicas ou diz suposição mais verdadeira o seguinte de sua origem:

Deliberou D. Afonso Henriques um dia, no seu alto espírito de guerreiro infatigável, ir à conquista da acastelada Santarém, praça famosa, donde saiam constantemente soldados, guiados pelo atrevido crescente e que punham em pouca segurança seus mal seguros Estados, muitas vezes talados pelos sectários daquele, que também os consideravam seus.

Desembaraçado um pouco das lutas com o parente de Leão e passadas as folias do seu casamento com Mafalda de Sabóia, pôs D. Afonso Henriques mãos à obra, mas, como fôsse emprêsa arriscada e temerária, sigilo guardou sôbre o objectivo para que tam bélicos trabalhos se realizavam.

Saíu, pois, da templária Soure a hoste aguerrida, mas só o chefe é que sabia qual terra inimiga seria a atacada.

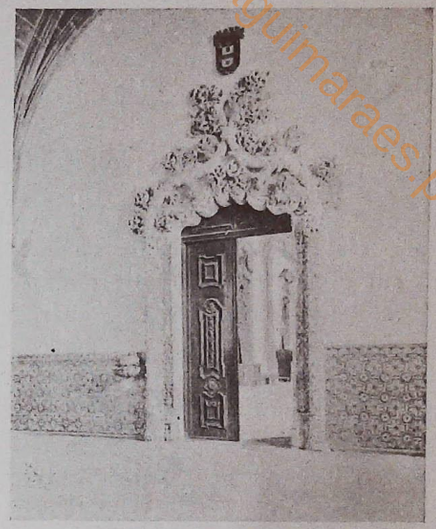
Assim caminhou até os altos da serra dos Albardos, onde, à voz de alto, parou, confiando só então *O Conquistador* o seu segrêdo aos companheiros, confiante no seu grande valor e na sua sempre provada lealdade, prometendo aos seus irmãos de armas —os templários— todo o eclesiástico da futura cidade cristã, e a Bernardo, abade de Claraval, ao tempo milagroso monge, todos os territórios que dali se avistavam limitados pelo mar, para nêles a sua Ordem fazer casa condigna ao enorme feito que, com a ajuda de Deus, se ia realizar.

Bem, bem assim, não seria, como diz Brito na sua *Crónica*.

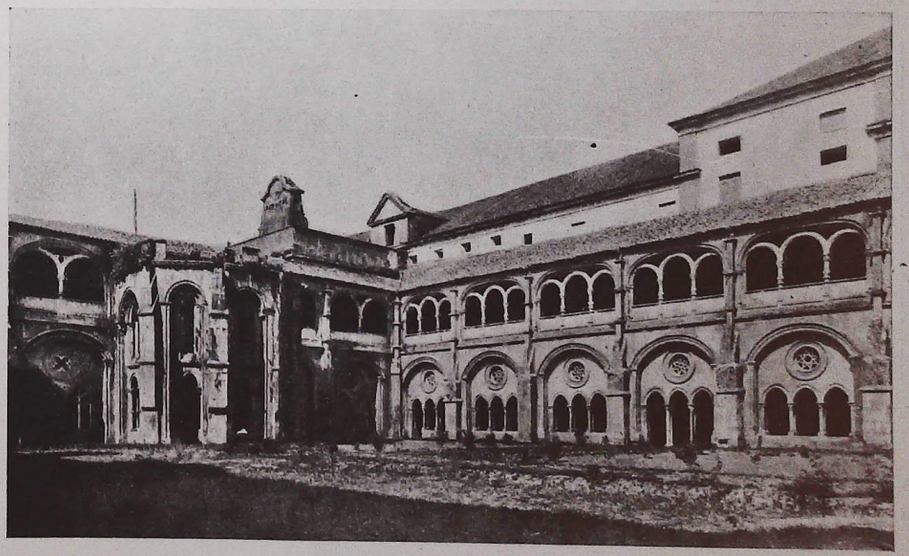
Bernardo de Claraval entrou na fundação de Alcobaça sem ser preciso chamá-lo à conquista de Santarém, e entrou, não como milagroso, mas,

decerto, como medianeiro entre o sagaz chefe dos Portugalenses e o papa Eugénio III para que êste o reconhecesse rei.

Reconhecido rei não foi logo, mas a região de Alcobaça à posse dos frades bernardos passou, no que praticou D. Afonso Henriques um alto serviço aos seus Estados, porquanto desbravadas foram grandes sortes de improdutivos terrenos que os abades do novo mosteiro concediam a gentes vindas de fora, que ali eram chamadas pela facilidade de arranjarem fazenda, as quais, fixando-se, deram origem a muitos lugares e vilas, sendo a principal a própria Alcobaça, que hoje ainda mantém, com todo o garbo, as honrosas tradições dêsses tempos, no esmêro com que trata seus campos e o mimo que dedica à sua pomologia, que é uma das suas fontes principais de riqueza. Concedida, pois, a terra que dois rios banhavam, sem se saber como, *Alco* e *Baça* se chamavam, e onde, em eras



ALCOBAÇA—PORTA DA SACRISTIA

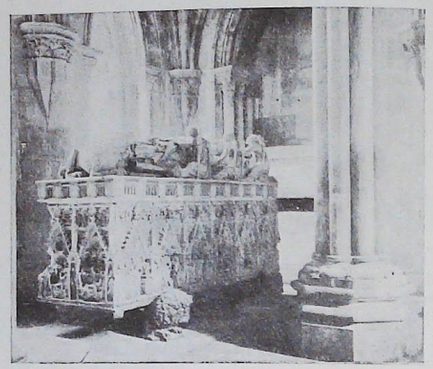


ALCOBAÇA—CLAUSTRO DE D. DINIS

www.vieiraguimaraes.pt

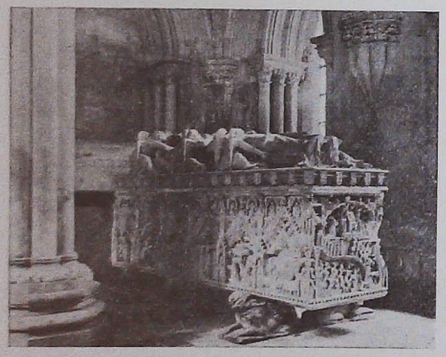
remotas, romanos estiveram, talvez em *Helcobatiae*, que memórias deixaram, começado foi o convento, embora bastante tempo levasse a escolha do sítio e o desenho da construção.

No que hoje ali vemos, difícil é discriminar o que virá dos primórdios da edificação, não havendo dúvidas, no emtanto, que muitas pedras ainda devem existir no lugar em que postas foram pelos artistas que, por incumbência do futuro S. Bernardo da própria Calatrava deviam ter vindo, pois a sua abadia acabava de ser mandada levantar e concluir por êsse enérgico e insigne abade, o grande prègador da segunda cruzada, cujos membros (alguns) tanto auxiliaram o nosso D. Afonso Henriques na tomada de Lisboa.



ALCOBAÇA—TÚMULO DE D. PEDRO I

A traça do principal do convento, sem dúvida, aos calatravenses pertence e por grande tempo levaria a fazer, não deixando nós de acreditar que alguma incursão moura o apanharia, mas sem que suas pedras fôssem derribadas, visto que somos de opinião que tanto os árabes-berberes, como os cristãos, não arrasavam os edifícios dos contrários, os quais, a ambos, na ânsia de conquistar, lhes iam logo servir, transformando-os e adaptando-os aos seus usos.



ALCOBAÇA
TÚMULO DE D. INÊS DE CASTRO

Grandes alterações e ampliações devia sofrer tam grande fábrica pelos tempos além, não nos repugnando aceitar que o corpo e cruzeiro da igreja são do tempo de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I, isto é, dos fins do século XII, o que se denuncia pela robustez dos pilares, a que se adaptam as delgadas meias colunas que são seguidas pelas tímidas ogivas, e outros não menos evidentes caracteres.

É a maior igreja de Portugal, pois mede de comprimento 106^{m},26, tem de largura, compreendendo as três naves, 17^{m},22 e de altura das naves 19^{m},80.

Como natural é, longos anos correriam para serem levantadas todas aquelas paredes, ogivas, janelas e portas que hoje atestam a obra dos reis

www.vieiraguimaraes.pt

ALCOBAÇA—VISTA DO CONVENTO

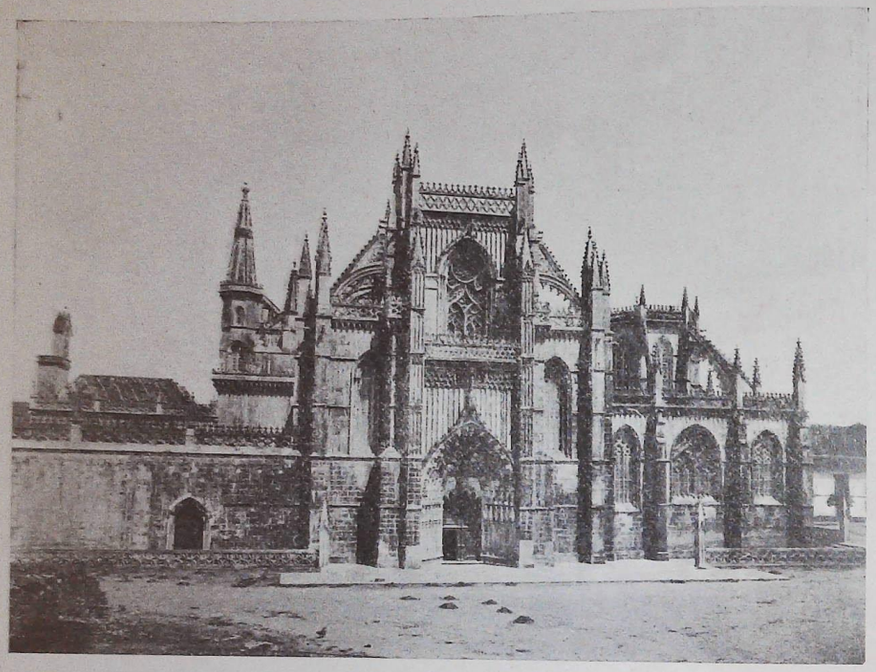
da primeira dinastia, em que sobressaem o majestoso corpo e cruzeiro da igreja, o belo claustro de D. Dinis, a simples casa do capítulo e os magníficos sarcófagos de D. Inês e de D. Pedro, essas jóias incomparáveis, de génese portuguesa, que encerram os restos humanos de quem na vida viveu em grande amor que tem sido cantado na mais alta poesia nacional.

Falar de todas estas preciosidades, pelo tempo que têm e pela arte que revelam, é ir muito longe no plano dêste livro, sentindo não o poder fazer a monumento que tam ligado anda com a fundação da monarquia portuguesa e que tantas e tam belas recordações evoca do período construtivo da nossa querida Pátria.

BATALHA

Ao escrever êste nome ou ao lê-lo, todo o português, amante da sua terra, recebe uma emoção grande de arte e de patriotismo, porque o facto que comemora é escrito na arquitectura, a mais bela —a ogival— e é contado entre os mais insignes da sua história.

Acabada a dinastia Afonsina por falecimento de D. Fernando e entregue Portugal às terríveis lutas duma guerra de fôrças desiguais, pelo histérico



BATALHA—FACHADA PRINCIPAL

proceder de D. Leonor Teles, aquela que

Faz contra Lusitânia vir Castela,
Dizendo ser sua filha herdeira dela,

prélios se deram, mas nenhum da importância e significação da batalha de Aljubarrota.

Invadido Portugal, 1385, pela segunda vez, e agora por trinta mil homens castelhanos com seu rei à frente, marchou êste de Coimbra com seu fito de tomar Lisboa, que tam heroicamente se tinha defendido no ano anterior, o que fez de novo alvorotar o povo português, tam sedento de liberdade e de independência.

O Mestre de Avis, então já D. João I, e D. Nuno Álvares Pereira, já também Condestável do Reino, não tremeram, mas, reünidos em Abrantes, diversos foram os pareceres, em que D. Nuno teve de intervir rijamente

Com palavras mais duras que eloqüentes

a demover os presentes a dar, o mais breve, batalha ao inimigo, pois êle estava no propósito de

www.vieiraguimaraes.pt

... só com meus vassalos, e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da fôrça dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada.

Demorado o conselho, D. Nuno não hesitou.

Num ímpeto heróico, parte sôbre Tomar, e na mimosa veiga que o lindo Nabão banha, acampa com os seus e, sob recado, espera seu rei, que no dia de S. Lourenço, 10 de Agosto, faz alardo para ver com quem contar podia. Pouca gente era: uns seis mil homens, mas que importava, se em cada peito dêles ardia o mais puro amor de quem bem queria servir a terra portuguesa!!

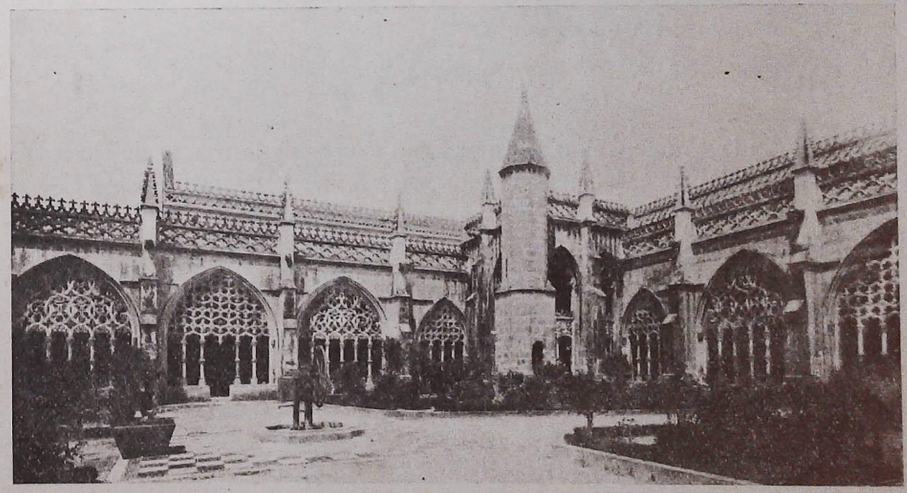
Dali ao encalço dos castelhanos foram, que, sabidos em Leiria, em Aljubarrota, de 13 para 14, esperados são em bem planeado entrincheiramento.

Grande noite de ânsias, de esperanças e de fé!!

Esta enche o largo peito de D. João, que, de joelhos, ora a Nossa Senhora, a quem promete levantar-lhe ali monumento que eternamente clame seu agradecimento pela ansiosamente esperada vitória.

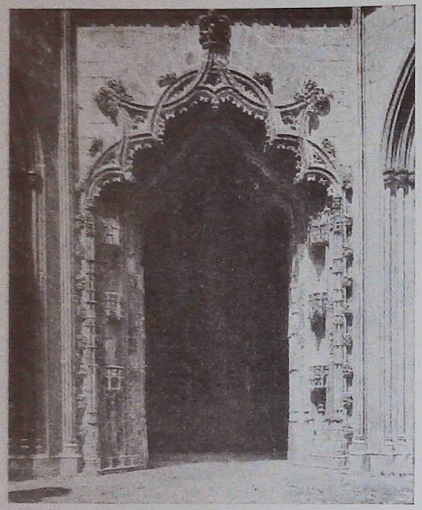
Esta veio, e em meia hora, que tanto levou a épica luta, selada foi depois por êsse lindo monumento, que tanto nos enche de orgulho por português ser o seu primeiro arquitecto (1388–1402), Afonso Domingues, e por padrão ser do lídimo amor pátrio dessa geração de heróis que

A sublime bandeira Castelhana
Fez derribada aos pés da Lusitana.



BATALHA—CLAUSTRO DE D. JOÃO I

Descrever a beleza interior da igreja do monumento de Santa Maria da Vitória; dizer do encanto do seu joanino claustro, enriquecido por D. Manuel; notar a quadrada Casa do Capítulo com a sua romantizada abóbada; narrar a grandeza do panteão de D. João I e dos seus mais próximos, onde se não encontra seu sucessor, D. Duarte, para que ainda na capela mor espere o acabamento da sua capela mortuária (capelas incompletas); festejar êste magnífico conjunto arquitectónico, entre cujas preciosidades sobressai o portal maravilhoso do celebérrimo *leauté faray*, enigmática tença de *O Eloqüente;* falar da lindeza exterior de toda essa fábrica sublime, hino de pedra entoado à Virgem, representativo duma hora incerta, mas de intensa fé, e biografar, no que ser pudesse, os seus eminentes arquitectos e mestres, Afonso Domingues, Ouguete, Martim Vasques, Fernão de Évora, Guilherme, Mateus Fernandes (Sénior), João Rodrigues, João de Arruda, Mateus Fernandes (Júnior), João de Castilho, Miguel de Arruda, António Gomes, Dionísio de Arruda, etc., etc., impossível se torna à nossa limitada e pobre pena e ao restrito espaço destas fôlhas; por isso passamos a



BATALHA — CAPELAS INCOMPLETAS

TOMAR

¡Que linda cidade é esta, formosa entre as mais formosas de Portugal!

Enquadrada nas margens eternamente poéticas do seu pitoresco Nabão, esplende, ao sol brilhante da Estremadura, numa encantadora mancha de brancura, de frescura, de verdura e de arte.

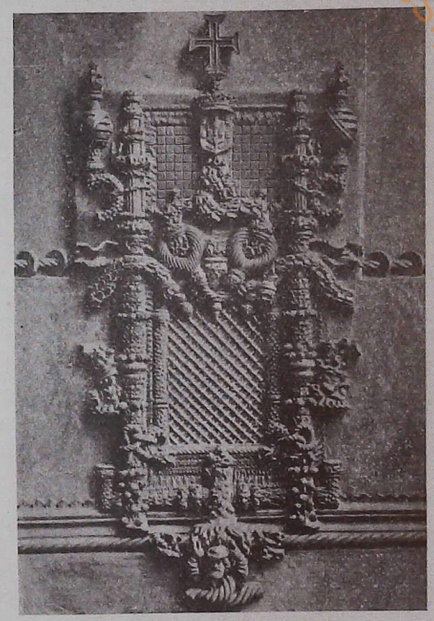
Esta, então, faz dela um centro primordial de atracção, para o que são precisos alguns dias para o ver, admirar e estudar, pois os seus monumentos são dos mais notáveis do País, sendo o Monumento de Cristo o primeiro de Portugal pelas brilhantes e ricas escolas que encerra e que o celebrizam entre os célebres de todo o mundo.

¡Que grandioso, artístico e patriótico é êste monumento, que bem se pode dividir em três partes para bem se compreender na sua significação histórica e artística!

www.viagaoumarques.pt

A fortaleza templária, a igreja da guerreira e navegante Ordem de Cristo e o convento pròpriamente dito formam essa mole maravilhosa em que a história portuguesa está como que escrita em suas nobres pedras, que falam da fundação de Portugal, do seu apogeu e da sua decadência.

A fortaleza templária deve-se ao famigerado mestre da Ordem, Gualdim Pais, que, sabendo, ao subir ao mestrado, que por longos dez anos se arrastava entre Portugal e a Cúria Romana a questão do eclesiástico de Santarém, que o templário D. Afonso Henriques tinha prometido aos seus irmãos, em Albardos, nas vésperas da conquista daquela cidade e originada pela reivindicação que Gilberto, bispo de Lisboa, queria obter sôbre aquele, que dizia ter pertencido, no período cristão anterior, à sua diocese, promoveu uma concordata da qual resultou passar o pomo da questão, excepto a igreja de Santiago, para a diocese de Lisboa, ficando a Ordem do Templo com o *nullius diocesis* de Ceras.



TOMAR — JANELA DO BAIXO CÔRO

Era êste lugar de fama já antiga e um castelo ali teria existido a barrar a passagem na estrada de Sellium a Conimbria, mas a estas horas em frias ruínas restava.

Ao apossar-se delas, logo tentou Gualdim Pais restaurá-las e fazer fortaleza para também barragem apresentar às incursões mouriscas naquela passagem apertada da estrada e defendida também pelo fôsso natural da ribeira que a sul passava.

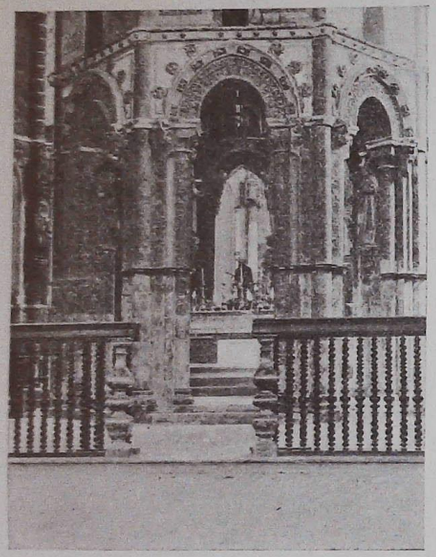
Porém, melhor conhecida a região, viu que mais ao sudoeste existia padrasto com melhores condições de defensável, sobranceiro a larga planície regada por rio de certo caudal e onde existiam ainda restos de povoação algo importante que muito bem se poderiam aproveitar para fàcilmente a construção da fortaleza se fazer e quiçá burgo à sombra das futuras muralhas.

Resolvida a mudança, lança, no dia 1 de Março de 1160, os fundamentos ao castelo e à povoação, a qual, ao fim de dois anos, recebe foral, pois tal era o número de gentes ali reünidas.

Do castelo fez casa mãe da sua Ordem e em baixo, aproveitando as paredes arruïnadas da igreja do convento beneditino do célebre abade Sellio,

tio de Santa Iria, reconstrói-as e faz dela a paróquia da nova povoação, que tomou o nome de Tomar, porque ao sítio assim se chamaria pelo muito tomilho que em seus campos se criava e ainda hoje se cria e que, sem dúvida, pelos árabes, grandes botânicos e agricultores, lhe teria sido dado.

O castelo, aliás larga e valente fortaleza, foi construído com todos os preceitos da arte da guerra correntes no século XII e, guarnecido pelos heróicos soldados da cruz, jamais foi conquistado, embora o imperador marroquino Jacub, em 1190, o tivesse cercado em pessoa, por espaço de seis dias, a quando da sua invasão às terras portuguesas.



TOMAR — A CHAROLA

Não foram só aqueles preceitos que nêle tiveram emprêgo.

Uma arte superior e bela também ali foi despendida no seu oratório.

À imitação de algumas igrejas da Palestina, construiu-o Gualdim Pais no ângulo norte poente da fortaleza, dando-lhe, como naquelas, a forma prismática (tem oito faces a parede de dentro e dezasseis a de fora) e, imprimindo-lhe os caracteres da arquitectura bizantina, é hoje, na Europa, a capela templária mais bem conservada e característica das construções que aquela opulenta Ordem fundou pelos seus nove mil domicílios que nela chegou a ter.

Quási dois séculos e meio por Tomar viveu a Cavalaria do Templo, mas a tempestade que Nogoré, o célebre legista de Filipe *O Belo*, desencadeou pelas terras de França a Portugal chegou e D. Dinis, o grande e sábio rei, viu-se forçado a dar o duro golpe de extinguir a Província que em seus reinos existia; embora a ressuscitasse, com grande custo, passados anos, com as suas pessoas e bens, mas sob outro nome e nacionalizada a Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, a qual para mais coonestar a sua criação não foi na vila do doce e brando Nabão que continuou a sede dela.

Castro Marim, povoação próxima de mouros, escolhida foi, mas, volvidos trinta e oito anos, vêmo-la de novo ocupar a antiga e nobre casa capitular, donde nunca mais saiu e onde pelos tempos além viu aumentar sua moradia, a acompanhar sua evolução até a sua extinção em 1834, agora como ordem monástica, continuando a existir a Ordem de cavalaria, como mera detentora de veneras.

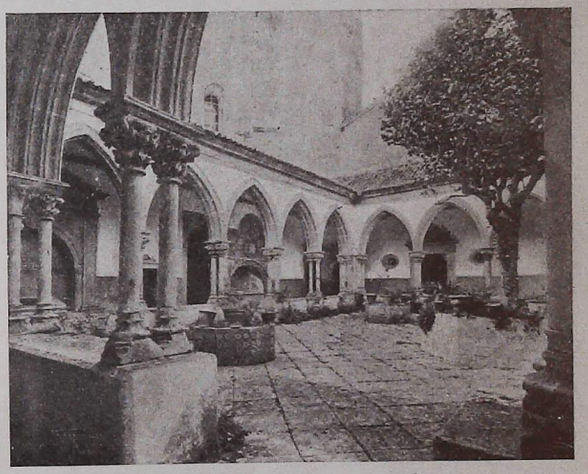
www.viagemguimaraes.pt

O primeiro aumento que teve foi o determinado pelo glorioso mestre D. Henrique, que, fora das muralhas da fortaleza templária e para o lado norte, mandou levantar casa condigna à sua hierarquia e mais dois claustros destinados aos cavaleiros egrégios que ao seu mando heróico iam

> ..... Cometendo
> O duvidoso mar num lenho leve
> A ver os berços onde nasce o dia.

no propósito de

De seu palácio só restam escalavrados muros e a reconstruída fachada, e de seus claustros: um, de dois andares, só existe a ogival arcaria do andar de baixo, e do de cima, capitéis duplos e ogivas elegantes desarticuladas em terra deitadas, e do outro, a elegante quadra de airosos arcos ogivais, levantados em duplos capitéis fina e variadamente ornamentados com o vegetalismo mais sugestivo da região e sustentados por esbeltas colunas. Estes dois claustros, pelo pouco que se vê ainda dêles, deviam ter sido um rico e lindo exemplar do austero e puro ogival do nosso século XV.



TOMAR — CLAUSTRO DO CEMITÉRIO

O segundo aumento e último da fase guerreiro-navegante vai agora tê-lo, sob o mestrado aurifulgente de D. Manuel, que deixa nela a obra arquitectónica portuguesa a mais requintadamente bela, a mais expressivamente nacional e a mais eloqüentemente patriótica.

Reconhecendo êste mestre que a sua casa mestral precisava de igreja mais concernente aos serviços divinos dos seus cavaleiros, deliberou em capítulo de 1492 mandar alargar a edícula templária que *O Navegador* tinha convertido ao culto católico.

Para o fazer, encarregou João de Castilho, jovem e talentoso arquitecto, que de Castela tinha vindo e, segundo é fama, provas já tinha dado, de sua sciência, na Sé de Viseu.

Estudado o plano, começou de levantar para o ocidente do oratório de Gualdim Pais a fábrica sublime do pequeno corpo e do amplo côro da

igreja que, com aquele por capela-mor (a Charola), formou o monumento arquitectónico incomparável e inultrapassável de expressão artística e patriótica que Portugal ficou possuindo e ainda hoje é o seu orgulho, porque êle, depois de *Os Lusíadas*, é um poema maravilhoso que canta em pedras frias, mas excessivamente quentes em seu patriotismo, como aquele

As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia Lusitana
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana.

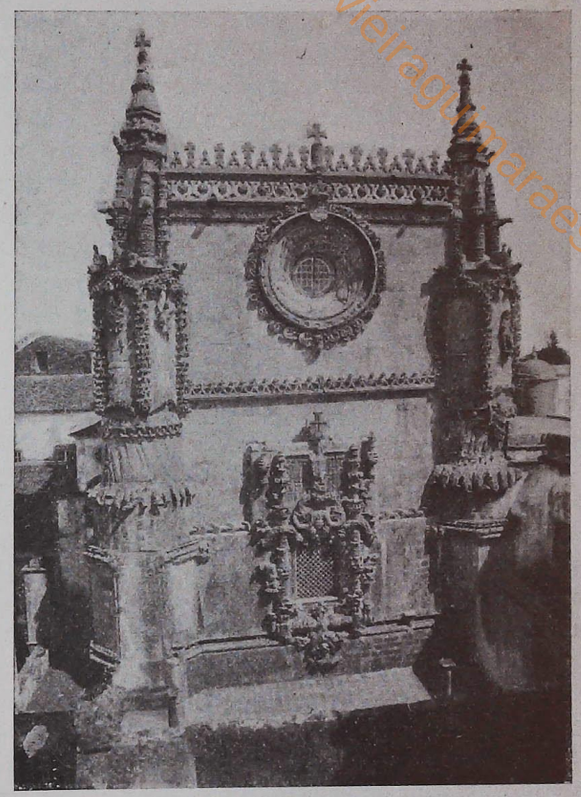
É vê-lo nas suas faces interiores, abóbada e faces exteriores para ficarmos admirados de seu valor, encantados de sua beleza e ufanos de que em nossas terras, e também por em terras estranhas, não haver monumento que mais bem represente o momento histórico que o viu levantar e que é, sem contestação, aquele que os portugueses iniciaram e levaram a cabo, embora êste fôsse sob outra bandeira — o descobrimento de todas as terras do mundo e o conhecimento de todas as estrêlas do céu.

TOMAR — CLAUSTRO DA HOSPEDARIA E IGREJA MANUELINA

Desde a portada ricamente ornamentada, que Castilho mais desenvolvidamente devia reproduzir na porta *travessa* dos Jerónimos, às janelas soberbas do baixo e alto côro, à origem dos arcos, fechos e artesões da abóbada, à platibanda, heràldicamente estilizada, aos gigantes pujante e artìsticamente revestidos, até emfim à epopaica fachada ocidental, por todo êsse maravilhoso monumento corre um ar de grandeza patriótica que enche nossas almas de saüdade infinda pelo passado glorioso dêste povo que se eternizou na história e de esperança querida pelo seu ressurgimento a fazer ainda um

www.vieiraguimaraes.pt

Portugal maior. A fachada ocidental é toda ela (e não sòmente a janela célebre do baixo côro ou sacristia) um pensamento, é toda ela uma idea, é toda ela a epopeia imortal que canta os trabalhos hercúleos sôbre os mares dos novos fenícios das ocidentais praias da Hispéria, como os velhos habitantes de Tiro e de Sidon chamavam às nossas terras distantes e desconhecidas do poente.



TOMAR — FACHADA OCIDENTAL

João de Castilho, com o seu fecundo talento e com a sua robusta imaginação, foi ali, naquela pétrea página de história, èpicamente grande, colossalmente verdadeiro e imortalmente artista.

Com as figuras dum tripulante dos atrevidos varinéis do Infante; troncos de carvalho, de sobreiro, de azinheiro, pranchas de cortiça, fôlhas de horto, fôlhas e cápsulas de dormideira dos nossos campos; camelos, cabos, enxárcias, cordoalha, correntes, cães, gatos, velas, virador boiado, arganéu, âncora, da apetrechada náutica; simbólico grau da Ordem da Jarreteira que D. Manuel possuía; corais, madréporas, algas, botilhões, sebas dos mares descobertos; animais de Portugal e das Áfricas; besantes das cotas dos cavaleiros-navegantes; guizeiras das nossas récuas; Mantechora indiana; ogivais flores de lis; heráldicas esferas, quinas, cruzes de Cristo; roda de proa e velas de elegante caravela, estátuas de vultos imortais da nossa história; com tudo isto, pois, encheu a estupenda fachada, colocando tudo nos devidos lugares com uma harmonia indescritível, formando um empolgante quadro de que ressalta a maior emoção de patriotismo que jamais alguém sentiu, a não ser ali, ao ver e interpretar todos êsses excelsos motivos arquitectónicos, essas evocativas letras com que o genial Mestre escreveu as estrofes do seu imortal poema.

O seu sangue visigodo e árabe que, em centenares de dinamizações, nas suas veias girasse, estuou em borbotões de arte e encheu a patriótica fachada dêsses motivos ogivais e naturalistas das civilizações de que procedia e, do criado em Portugal, influenciado foi pelo movimento marítimo do meio que lhe sugestionou o elevado espírito, fazendo cantar todas as máximas glórias e triunfos do povo que servia e encastoar esta jóia arquitectoral, do mais supremo valor, na coroa radiosa de arte do magnificente D. Manuel.

A êste não só Castilho serve com a sua maravilhosa e portuguesíssima obra: Olivez de Gand e Mungõ engalanam-lhe o côro com o seu riquíssimo cadeiral e a capela-mor com os seus peregrinamente belos coruchéus, ainda existentes sôbre três arcos do altar; António de Holanda ilumina-lhe os livros dêsse famoso côro; Jorge Afonso, decerto, forra-lhe as paredes da Charola com algumas das suas admiráveis tábuas; os paramentos e jóias da sacristia são aumentados; a Charola é pintada e mais não faria, porque uma morte prematura fez desaparecer D. Manuel, que não só à singular Igreja da sua nobilíssima Ordem fez sentir a sua artística influência, mas em Tomar, na vila, em baixo, a igreja de S. João é levantada, senão restaurada, conjuntamente a mais obras, cuja certeza se não deve dar, como sendo no seu reinado feitas, como a casa da Câmara, Lagares, Cubos, etc.

Mas se não temos a certeza de que fôssem construídas e acabadas neste reinado, no seguinte o foram, pois vamos agora assistir ao grandioso movimento artístico que faz de Tomar um centro notabilíssimo, onde continua a imperar, com o seu grande talento, João de Castilho, mas agora discípulo de nova ordem de princípios arquitectónicos.

Os portugueses que, subsidiados por D. Manuel, tinham ido para a Itália, atraídos pela grande revolução de que Bruneleschi, Bramante, Leonardo de Vinci, Miguel Ângelo e Rafael foram os marechais, já de volta, iam chegando, e o nosso meio, que se conservava fiel aos cânones ogivais, sofreu de repente uma grande sacudidura.

A Renascença subjugou tudo e todos.

À sua fôrça nada resistiu e a Ordem de Cristo, já cumprida a sua missão guerreiro-navegante, é substituída, em Tomar, por uma nova ordem de frades para os quais se tem de fazer casa.

Ora é esta casa que faz o terceiro aumento ao Monumento de Cristo.

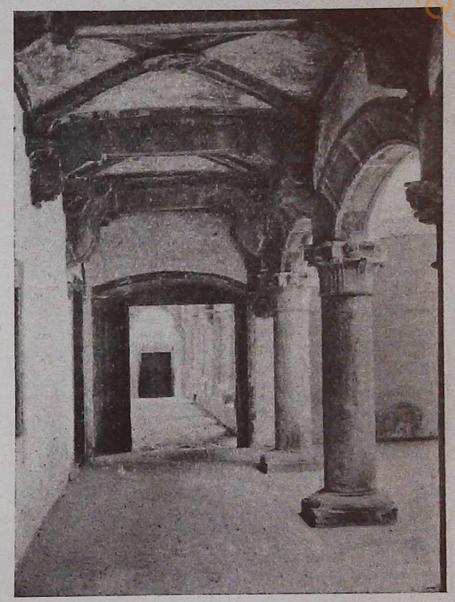
E agora que aumento!!

O pròpriamente dito Convento é que é erguido e a parte deixada pelos antecessores mestrados é enriquecida e outra restaurada.

João de Castilho, tendo de seguir as novas ideas, que agora não são as *naturalistas* e *nacionalistas* de há poucos anos passados, mas sim as *humanistas* e *renascidas*, de Milão, de Florença e de Roma vindas, re-

www.viseuquinta-aos.pt

colhe a sua prodigiosa imaginação e, entregando-se à régua e ao esquadro, desenha a larga e ampla cruz das celas, à roda da qual fecha seis claustros magistrais, onde são instaladas as dependências conventuais, e levanta a Casa do Capítulo, cujas pedras vinham a ser trabalhadas do mestrado anterior, a que agora acrescenta o sub-capítulo, a aproveitar o desnivel do terreno, dando-lhe entrada pelo fundo da escada que conduz do andar de cima ao de baixo do claustro de *D. João III*, ornamentando-a com variados e historizados lavores que constituem um belo trecho da primeira fase da Renascença portuguesa.

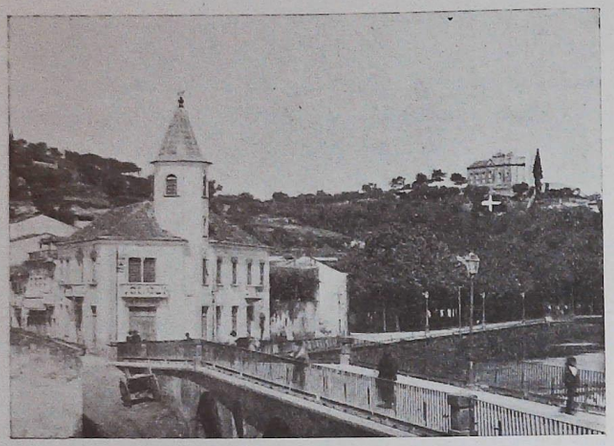


TOMAR — CLAUSTRO DE SANTA BÁRBARA

Desde 1528 a 1551 é êle, com a pléiade ilustre dos seus artistas, o grande arquitecto, de cujas mãos vai saindo essa obra renascidamente regrada, mas que ainda tem elevados e preciosos assomos do antigo espírito de ornamentista por ela espalhados (fundo e debaixo das escadas do claustro de *D. João III*, capela do Cruzeiro, etc., etc.).

Por provecta idade e por longa obra ter sido, não a vê concluída, mas as obras do Convento não param e os seus sucessores vão dando acabamento e princípio ao que vemos hoje, que também longos anos levou: o mais assombrosamente belo claustro clássico do mundo, o de *D. João III*, a Diogo de Torralva; o aqueduto das águas a Filipe Terzi; a conclusão do aqueduto e majestosa fonte do claustro de *D. João III* a Pedro Fernandes; a portada real a Marques Lucas (?); e daí por diante os arquitectos Pero Vaz Pereira e Jerónimo Rodrigues obras fazem, estendendo-se elas por tempos já fora de suas direcções, como o acabamento da fachada do norte, que está assinalada pelos anos de 1690.

Muito desejávamos poder desenrolar, não obstante pobremente, todo o resto do ciclo artístico que vai ainda do grande rei D. João III até aos Filipes, mas sendo impossível alongarmo-nos, resumindo, só diremos que o esplendor da Charola é que agora toma vulto com os quadros que desapareceram, restando só quatro, de que três são, pelas suas côres e figuras, pertencentes aos mestres de Viseu e um, pela païsagem e côres, aos de Lisboa.



TOMAR — BASÍLICA + DA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Vasco Fernandes e Jorge Afonso, por si ou por seus discípulos, são ali representados e os artistas Afonso Pires, ourives; João Muñoz, marceneiro; Francisco, entalhador; Fernão Rodrigues, pintor; Reimô, retocador; António Rombo, organista; Sulpício, imaginário; Francisco Fernandes, estofador; Cristóvão de Figueiredo (?), pintor; Diogo Rodrigues, sirgueiro; Gregório Lopes, pintor; João Filipe, marceneiro; Francisco Pires, encadernador e escrevente; António Taca, vidraceiro; António Fernandes, iluminador, e muitos mais, cujos nomes são ignorados, ali vieram ou para ali enviaram peregrinas produções com que as galas, paramentos, estatuaria e pinturas da Charola tanto se enriqueceram e tanto ainda hoje dão, nos apagados restos, a quem os vê, êsse deslumbramento que nos encanta e traz à imaginação o soberbo quadro que não seria o que tantas preciosidades fariam nos fins do nosso glorioso e luxuosíssimo século XVI.

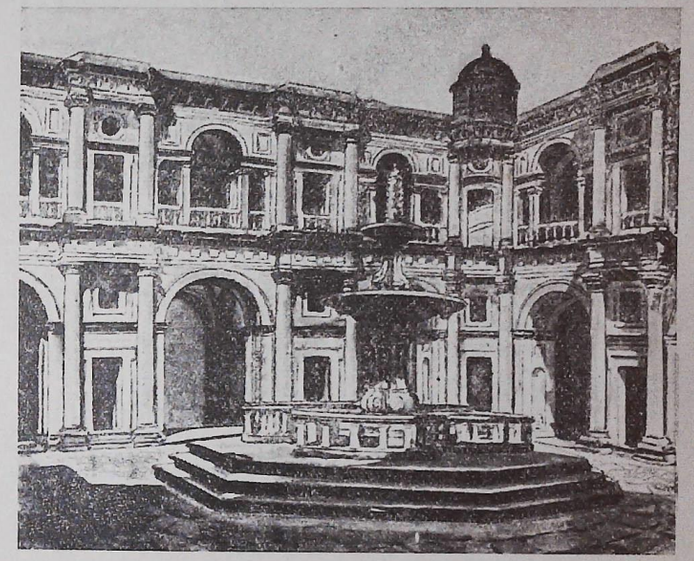
Fora do famoso e opulento Monumento de Cristo, na vila, em baixo, à beira do lindo e meigo Nabão, e num monte sobranceiro a êle, também os insignes artistas trabalhavam e iam fazendo obras de vulto, das quais destacaremos duas, por muito o merecerem: a igreja de Santa Iria e a de Nossa Senhora da Conceição.

A arte da primeira é renascença de Castilho e a da segunda, que é uma maravilhosa basílica, a acreditar numa biografia de D. António de Lisboa, devia ser também obra daquele grande arquitecto, mas, parece que não, pois, estudando-se os trabalhos de Diogo de Torralva, o clássico autor do magnífico claustro de *D. João III*, inclinados somos a incluir essa preciosa obra, a mais notável, no género, na Península, no número das suas importantes produções.

www.vieiraguimaraes.pt

Deixando Tomar com grandes saüdades, pois muito mais há que ver e que admirar para descrever, encaminhemos o viajante que nós fizemos entrar na Estremadura pela majestosa e deslumbrante barra de Lisboa e que já está à nossa espera, depois de ter visitado as suas belezas e riquezas, a percorrer o que deixamos descrito nas singelas fôlhas atrás.

Partamos, pois, com êle e, por perto e mais curto o caminho, comecemos pelo sul, seguindo as respectivas linhas férreas.



TOMAR — CLAUSTRO DE D. JOÃO III

LINHA DO SUL, SUESTE E VALE DO SADO

LISBOA, BARREIRO, PINHAL NOVO, SETÚBAL E ALVALADE

Partida de Lisboa da estação dos vapores do Terreiro do Paço, percurso oito quilómetros, em trinta e cinco minutos, ao Barreiro, estação términus das linhas do Algarve e do Alentejo. Nela estão estabelecidos os armazéns e oficinas de reparação do material de combóios, há tempo do Estado, hoje da arrendatária Companhia Portuguesa. Um pouco adiante, a estação para serviço da vila, que é uma importante povoação. À esquerda grandes fábricas da União Fabril. A linha corre entre campos muito cultivados e mimosos.

LAVRADIO, à esquerda, vila desde 1670. Os seus vinhos brancos têm renome.

ALHOS VEDROS, à esquerda. D. João I, por causa da peste, que grassava em Lisboa e circunvizinhanças, e tinha atingido mortalmente sua mulher, D. Filipa de Lencastre, aqui

se refugiou e aqui também vieram os filhos no intento de o decidir sôbre a projectada ida a Ceuta, que a morte da rainha tinha arrefecido. Hoje tem em grande desenvolvimento as indústrias de cortiça, de moagem e de sal.

Moita, distante um quilómetro. Nada de importante, a não ser o seu comércio. É vila desde 1690.

Pinhal Novo, entroncamento da linha do Sul e Sueste com a de Aldeia Galega e Vale do Sado. A povoação de Aldeia Galega fica a onze quilómetros para o norte e é servida pelo caminho de ferro por sua importância industrial e comercial. A linha do

Vale do Sado segue para a direita, passando por

Palmela, a vila fica a dois quilómetros e meio. Do castelo vastos e variadíssimos panoramas. Mais três quilómetros e temos

PALMELA

Setúbal, contornada pelos seus afamados laranjais. Excursões: a Outão, deliciosa estrada à beira do mar; ao Castelo de S. Filipe; a Brancanes; a Palmela; a Rio Frio; a Pôrto Rei; à Arrábida. A linha atravessa a cidade que, passada, deixa ver uma linda païsagem, formada por hortas e campos famosos, onde renques de laranjeiras se aprumam numa exuberância extrema, de olivais que os enriquecem e de marinhas que os espelham e embranquecem, tendo por fundo as Serras da Rasca, Arrábida e Palmela. A linha afasta-se do largo estuário do Sado seguindo a este.

Mouriscas, arrozais, vinhas, cereais.

Algeruz,

Águas de Moura, arrozais, fábrica de descasca. A linha encontra um grande gôlfo, que, para o norte, forma o Sado, que galga numa ponte de cinqüenta metros, tomando a direcção do sul. Soberba vista sôbre: castelo de Palmela, Setúbal e, mais longe, o vulto escuro da Arrábida.

Pinheiro, histórica e importante propriedade do *Pinheiro*, explorada por uma sociedade por cotas, da qual faz parte um sobrinho do engenheiro Bartissol, a quem ela tinha pertencido últimamente.

www.viejaguimaraes.pt

Palma, adiante da estação, ponte sôbre a ribeira de S. Martinho e campos encharcados que denunciam arrozais e marinhas.

Ao aproximar-se de Alcácer: montados, olivais e pinheiros. O Sado, já como rio, aparece e corre ao lado da linha.

Alcácer do Sal, hoje modesta povoação, mas com grande história, vinda dos tempos romanos, se não antes, sob o nome de *Salacia*, cujas relíquias arqueológicas fazem hoje o recheio do Museu que nela existe. Tomou grandíssimo incremento, como praça forte, debaixo do domínio muçulmano, tendo sido capital da província de Al-Kassr, que teve por principais cidades: Badajoz, Xerez de los Caballeros, Évora, Mérida, Alcântara, Coria, Elvas, Beja, Moura e Serpa. D. Afonso Henriques tentou tomá-la por duas vezes, sendo só à terceira, em 1158, que o pôde realizar, mas para em breve passar de novo às mãos dos árabes-berberes, que a retiveram, aumentando a sua fortaleza e riqueza, por espaço de 26 anos, caindo definitivamente na posse dos portugueses depois dum celebrado cêrco em que entraram alguns navios e cavaleiros da quinta cruzada e duma sangrenta batalha, ferida principalmente por tropas portuguesas, em que sobressaíram, pela sua valentia e temeridade, os nossos templários, chefiados pelo glorioso mestre Pedro Alvitiz, enchendo de nome imortal as páginas da história desta nobilíssima Ordem, que tinha Tomar por sede. Depois a Alcácer, com o seu Sado, semelhante a Abrantes, no Tejo alto, sucedeu-lhe, por muitos centenares de anos, ter o empório do comércio do Alentejo e do Algarve. Nesta vila casou D. Manuel com sua segunda mulher, D. Maria, e nasceu o grande e notabilíssimo matemático português Pedro Nunes. O caminho de ferro e o impaludismo, produzido especialmente pelos arrozais, fizeram-na declinar muitíssimo. A linha passa o rio numa ponte de 282 metros e entra depois numa região de pinheiros e de charneca, que, aqui e ali, ainda tem cultivo, mas por pobreza do terreno não vai muito além, a não ser perto de

Grândola, esta povoação conta sòmente uns três séculos e meio de existência, pois foi devido à grande protecção que lhe dedicou D. Jorge de Lencastre, filho de D. João II, que, por amor à caça, ali fundou um palácio. Como as suas condições naturais eram boas, pela muita água que lhe vinha e vem da sua serra, desenvolveu-se depois ràpidamente, sendo vila desde 1543. À sua roda a païsagem é bela, mas não muito longe começa o sobreiral que dá à região o aspecto de estar perto do Alentejo, como de facto, sendo a povoação de maior importância ao sul da província da Estremadura, servida pelo caminho de ferro. Desta vila podem fazer-se excursões a Santiago do Cacém e a Sines, pátria do celebérrimo comandante das naus que pela primeira vez saíram de Portugal e aportaram às terras do Oriente, D. Vasco da Gama. Mais uns quarenta quilómetros de linha, com as estações Canal-Caveira, Bairros, Lousal, que servem uma grande exploração de minas de cobre, Ermidas e Alvalade, e entramos no Alentejo, que os sobreiros, os pinheiros e os matos de toda a espécie autenticam.

Volvamos ao Pinhal Novo e, seguindo de novo na linha do Sul e Sueste, prossigamos pela Estremadura a confinar com os territórios de Montemor, que nos levam a Évora, capital do opulento e variegado Alentejo.

Pouco andamos, mas o suficiente para que nesta faixa da Estremadura vejamos a vinha maior do mundo.

Valdeira,

Poceirão, José Maria dos Santos, que, sendo veterinário, passou a lavrador, dedicou-se de alma e coração à sua nova profissão a ponto de fazer uma obra de grande alcance económico e patriótico, não sendo o menor o da plantação, no espaço de quatro mil hectares, de 10.000:000 de cepas, intercaladas de filas enormes de sobreiros, para o que teve de arrotear toda essa enorme zona charnequenta. Os lagares, adegas e mais casas desta

enormíssima vinha são em Rio Frio, a 6 quilómetros da estação, já no concelho de Alcochete. A linha é acompanhada em muitos quilómetros pela célebre vinha, internando-se depois em campos de charneca que são servidos pelas estações de

Fonte,

Pegões, atinge

Bombel, última estação da Estremadura, que, devido à fertilidade do terreno, tem contornos muito risonhos e ricos. Deixemos seguir o combóio para o Alentejo e vamos procurar outro a Lisboa que conduza o turista pelas

LINHAS DO NORTE, RAMAL DO SETIL–VENDAS NOVAS

às várias terras do Ribatejo e da alta Estremadura. Embarcado na estação do Rossio e passado o túnel, 2:610 metros, encontra-se Campolide, três quilómetros, entroncamento da linha de Sintra. A do norte segue para a direita e, descrevendo um grande arco de círculo, leva-nos a

CELEIRO DA COMPANHIA DAS LEZÍRIAS

Braço de Prata, tomando depois aquele rumo. Recebe ali a velha linha de Santa Apolónia, primitiva estação de Lisboa.

Cabo Ruivo,

Olivais,

Sacavém, limite de Lisboa. Passada a ribeira, entra-se no Ribatejo, que começa à direita. A faixa de terreno à esquerda é estreita, mas muito rica para variadíssimo cultivo. Póvoa, Alverca, à esquerda, célebre por se ter travado perto a infeliz batalha de Alfarrobeira entre tropas de D. Afonso V e de seu tio, o ilustre infante D. Pedro, resultando daí a morte dêste e do seu fiel e leal amigo, o famoso Conde de Abranches.

Alhandra, à direita, vila industrial: fábricas de cimento, juta, linho e lã. Notável por começarem aqui as fortes *linhas de Tôrres*, em comemoração das quais foi levantado, em 1883, um monumento no alto dum monte que domina a vila, e por ser pátria do grande e imortal Afonso de Albuquerque e do Dr. Sousa Martins, ilustre médico e sábio professor. Do terraço do monumento larga vista sôbre o Tejo e suas margens.

Vila Franca, povoação importante pela sua indústria e comércio. Grandes relações com o outro lado do Tejo, onde começa a estrada que serve as ubérrimas terras das lezírias, que explora, na sua maior parte, a poderosa *Companhia das Lezírias*, em que são empregados os melhores e mais aperfeiçoados processos zootécnicos e agrícolas na criação de animais e no cultivo e aproveitamento das terras, em que devemos notar a plantação dum olival para cima de 50:000 pés. Seguindo essa estrada pelo Ribatejo acima até a ponte da Golegã, encontram-se as povoações de Samora, Benavente, Salvaterra, Muge, Almeirim, Alpiarça e Chamusca. Quem quiser conhecer uma das mais belas, características e ricas regiões do País deve percorrê-la, pois não raro se lhe deparam quadros novos que, decerto,

www.vieiraguimaraes.pt

LEZÍRIAS DO TEJO—GRUPO DE TOUROS

não está acostumado a ver. Freqüentemente lhe aparece, ora o acampamento duma caravana extravagante de ciganos; ora inúmeras manadas de cavalos; ora manadas de touros, que, escoltados pelos ensinados e pacientes cabrestos e guiados pelos esbeltos e valentes campinos ou muitas vezes também pelos próprios criadores e seus convidados, envergando a jaleca de reluzentes alamares, calça à bôca de sino sôbre sapatos de salto prateleira, cinta encarnada, largo chapéu ou piramidal barrete verde, de pampilho ao ombro e montados em ágeis éguas, *mansos* são tornados; ora *tralhoadas* de cinco e mais juntas dêsses cornúpetos revolvem a dura terra com pesadas e robustas araveças de muitas fôlhas no conseguimento de os amansar; vinhas e olivedos sem fim, etc., etc. Mas voltando à terra da histórica *Vilafrancada*, entra-se de novo no combóio, que vai deslizando entre duas faixas de terreno: a da esquerda, pequena e alcantilada, e a da direita, larga e plana. Aquela entregue ao olival, vinhas e pinheiral, e esta à semeadura de trigo, fava, grão, vinha e pastagens, onde, em plena e franca liberdade, vivem, fora dos tempos das cheias, manadas e manadas dos nossos eqüídeos, e bovídeos mansos e bravos.

Carregado, antiga estação para as Caldas da Rainha. A faixa da esquerda alarga-se em leque, deixando ver ao fundo a Serra de Monte Junto e, regada pela vala, dá origem ao desenvolvimento da casaria, na planície e nas vertentes dos outeiros, do que resulta um certo realce à paisagem e indica maior divisibilidade da propriedade, que em quási todo o Ribatejo é constituída por grandes tratos, o que é explicado e exigido até certo ponto pelas condições económicas, geográficas e sociais destas vastas planícies, umas inundáveis e outras não, que formam as margens do baixo Tejo.

Azambuja reclina-se na sua colina, tendo a seus pés a ampla lezíria dos *Campos* da Azambuja.

O Tejo passa longe, ficando entre êle e a linha a célebre vala que o marquês de Pombal mandou abrir para enxugo e serviço das terras ribeirinhas.

Reguengo, estação que serve Valada, grande centro agrícola e onde houve em tempos passados um palácio real.

Setil, entroncamento da linha para Vendas Novas, 76 quilómetros, que, passando a grande e bela ponte *D. Amélia* sôbre o Tejo, serve Muge, Coruche, Canha.

Sant'ana, estação à esquerda. A cinco quilómetros da vila do Cartaxo, que também

é servida pela estação do Setil. À direita o pôrto da vala, de grande utilidade para a região vinícola circunvizinha, por onde exporta inúmeras pipas de vinho.

Vale de Santarém, afamado pela Joaninha dos olhos verdes do imortal Garrett e onde viveu com sua família o grande escritor Rebêlo da Silva. Um pouco depois o scenário ribatejano muda, passando a linha sôbre o Rio Maior e ao lado da célebre ponte de Asseca a que andam ligados os populares versos

Seca e Meca
Olivais de Santarém.

Estes são de fama. Cobrem montes e montes ao poente. A nascente, aparece o Tejo. Ómnias, antigas hortas mouriscas e ainda hoje notadas pelas suas hortaliças e frutas. O Tejo deixa ver-se na sua largura e numa grande extensão do seu imponente curso, passando a linha bem chegada a êle. Alfange, velho burgo da cidade escalabitana. Há ali um Tejómetro. Ponte de *D. Luís I.* Santa Iria em seu pedestal à borda do Tejo. Povoação da Ribeira. Estação lindamente modernizada, em estilo com caracteres portugueses, de

Santarém, aqui pode tomar-se, além de carruagem para a cidade, transporte para Almeirim, para Alpiarça e para Rio Maior. A linha deixa o Tejo e interna-se nas famosas hortas das Assacaias, onde há belas frutas e abundantes fontes de excelente água, que, em grande parte, vai canalizada para abastecer Santarém. Vala de *Alvisquer de Fora*. *Mamoa* pre-histórica a que chamam *Monte de Trigo*. À esquerda estrada para Alcanhões, que é servida pela estação de

Vale de Figueira, olivais e terras de semeadura. O Tejo, que largámos em Santarém, volta a aparecer, embora momentâneamente, no *Mouchão do Inglês*. Ponte sôbre o Alviela.

Mato Miranda, sobreirais. Païsagem alentejana. *Quinta do Paúl*, dádiva de D. Manuel a Vasco da Gama ao regressar do Oriente. Agora o Tejo denuncia-se ao longe pelas vastas lezírias que se vão vendo do combóio por entre outeiros cobertos de oliveiras, vinhas, cereais e sobreirais. Ponte do Almonda. À esquerda divisa-se o dorso da Serra de Aire.

Torres Novas, estação para esta vila, sete quilómetros, e Golegã a três quilómetros. A linha corta extensos olivais — o célebre *Espragal* da Golegã, que foi criado pela sábia lei das sesmarias de D. Fernando I.

GRUPO DE CAMPINOS

www.viagensnaeuropa.pt

LINHA DO LESTE E BEIRA BAIXA

Entroncamento. Tem aqui origem a linha internacional que conduz a Madrid. Por curto o trôço dela que existe na Estremadura, façamos já admirá-lo, como um dos mais belos e deliciosos pedaços de linha que existe sôbre a terra. É pequeno, mas que beleza encerra! A linha volve à direita da do norte e, percorrendo as arribas floridas e muito povoadas do Tejo, deixa à direita ver êste rio, que aqui, por meio de hortas e vinhedos, passa num grande encantamento de perspectivas, às quais vem pôr, a breve trecho, uma nota da maior alacridade histórica e lendária, que nos transporta em recordações saüdosas às margens poèticamente cantadas do famoso Rheno, o Castelo de Almourol. A sua posição scenográfica no meio do Tejo, a emergir do turbilhão de calhaus enormes de granito; a sua encantadora ilha, que o salgueiro, o choupo, o amieiro, o zambujeiro e outros vegetais reverdecem; a toalha funda da como que parada água do rio; as elevadas e musgosas quadrelas; os fortes e redondos cubelos e a sua alta e quadrada tôrre de menagem; a sua fundação, talvez pelos romanos, senão anterior; a derrota do gigante de Almourol; a crueldade de D. Ramiro; a fuga de sua filha e a sua paixão; a traição da filha do emir árabe; a reconstrução de suas abandonadas e truncadas muralhas pelo de recalcada fama heróica Gualdim Pais a obter com êle mais um ponto fortificado dêsse importante e célebre entrincheiramento, de cuja linha curva faziam parte os castelos de Pombal, Tomar, Cardiga, Zêzere, Idanha e Monsanto, tudo isto pomos à vista, à imaginação, mais ou menos fantasista do viajante, para que, se puder, se apeie na estação de

Tancos, onde é fácil alcançar licença da perto Escola de Engenharia para visitar tam peregrina jóia castelã, no que nada perderá, pois o gôzo ali encontrado não será inferior ao deixado pelos castelos feudais, cheios de tradições e de belezas, duma lendária Alemanha ou duma cavalheirosa França.

Praia, serve a velha e sempre moça Constância, postada na deliciosa confluência do Zêzere com o Tejo. Vistas encantadoras, passando a linha à outra margem do Tejo numa ponte de 494 metros.

Tramagal, importante indústria de ferro e aço, principalmente empregada na fabricação de máquinas agrícolas. Grandes olivais e lezírias.

Rossio de Abrantes, estação que dá serventia a esta desenvolvida parte de Abrantes, assim como à cidade, que agora tem também perto de si outra estação, Alferrarede, da linha da Beira Baixa, que aqui nasce, a qual, passada um pouco mais, às *Mouriscas* deixa a Estremadura, bordejando-a ainda mais adiante, onde tem a estação da

Amieira, internando-se depois naquela província. A linha do leste segue do Rossio de Abrantes na direcção sul-sueste por uma grande rampa para vencer uns 165 metros, tendo ainda na Estremadura a estação da *Bemposta*. Depois entra no Alentejo. Volvamos ao Entroncamento.

LINHA DO NORTE

Entroncamento. A linha toma a direcção do norte e, poucos quilómetros andados, vê-se, à direita, e um pouco afastada, a vila da Atalaia com uma notável igreja da Renascença. São deixados os campos do Tejo, entrando-se numa região acidentada, tendendo a via férrea a subir a atingir a linha divisória das águas dêste rio das do Mondego.

Lamarosa, estação que satisfaz o tráfico de algumas freguesias importantes de Tomar e de Tôrres Novas. Ramal, para Tomar.

Paialvo, a sete quilómetros da artística, histórica e pitoresca cidade de Tomar por uma estrada que corre entre figueirais, vinhas, amendoeiras e olivais, dando à região umas parecenças grandes com a mimosa e variegada païsagem do Algarve, não lhe faltando até a alfarrobeira. Nesta cidade há grande número de automóveis e de outras carruagens que levam os passageiros aos diversos pontos duma grande área turística que tem a linda cidade de Tomar por centro: Tomar-Serra, Tomar-Sernache do Bomjardim, Tomar-Sertã, Tomar-Cabril, Tomar-Pedrógão Grande e Pequeno, Tomar-Figueiró dos Vinhos, Tomar-Cinco Vilas, Tomar-Alvaiázere, Tomar-Agroal, Tomar-Ourém, Tomar-Fátima, Tomar-Batalha, Tomar-Leiria, Tomar-Alcobaça e Tomar-Nazaré. A linha vai subindo, cortando bastantes córregos, secos de verão, mas abundantes de água de inverno. Devesas encantadoras que desaparecem ao serem atingidos os Montes de Vale dos Ovos, que tem êste nome dos descarnados penedos esbranquiçados que tanto se salientam pelas suas vertentes e cumiadas.

PEDRÓGÃO—PONTE DO CABRIL

Um pouco mais, extracção de pedra mármore. Daqui foi a pedra, por melhores qualidades ter, verificadas no respectivo concurso, para a cripta majestosa e rica da nova Catedral de Madrid.

Chão de Maçãs, estação para Tomar, Agroal e Ourém. Ao passar o túnel, 650 metros, à direita o lugar de Chão de Maçãs, por onde passa a estrada que chega perto do Agroal e outra que, seguindo como que paralela à linha, vai por Ourém à milagrosa Fátima. Ponte sôbre a ribeira de Ourém, a meio dela olhar para a esquerda: lindo panorama, em baixo, ao fundo do vale, entre verdejantes hortas, a célebre igrejinha de Ceiça, onde D. Nuno Álvares Pereira, após a vitória gloriosa de Aljubarrota, veio orar, e em cima, mas longe, mais no limite do horizonte, o monte cónico de Ourém, que deslocações sísmicas tendem a afundar, coroado pelos amplos castelos derrocados que, por pouco tempo, serviram de prisão a D. Mécia Lopes de Haro, a fascinadoramente formosa mulher do heróico, mas infeliz D. Sancho II, e mais tarde opulenta côrte do Marquês de Valença, filho do primeiro Duque de Bragança e neto do *Boa Memória* e de D. Nuno Álvares, da qual ainda hoje se admiram belos trechos. A linha agora vai sempre a cortar montes revestidos de pinheiral. Aqui e além: campos cultivados em pequenos vales que a oliveira assombreia,

mas que abundantes águas fazem ser bastante produtivos em milheirais, feijoais, batatais e prados para gados de lã e bois.

Caxarias, a linha continua a subir por entre pinheiros e carvalhos a atingir a cumiada que separa o Tejo do Mondego, a qual é passada no túnel de 659 metros e numa altitude de 263 metros. A breve espaço a estação de

Albergaria, paragem de todos os combóios para tomarem água, que pela sua abundância e belas qualidades a isso são obrigados. Na estação há a vender dessa fina e saborosíssima água, assim como óptima fruta da região. A linha começa a descer pelo vale do Arunca e passando a

Vermoil, chega depois a

Pombal, na margem direita do Arunca. Castelo templário de Gualdim Pais. Vila célebre pelo homem que dela tomou título e onde morreu desterrado, Sebastião José de Carvalho e Melo. Um pouco mais adiante, entra-se na província do Douro, deixando a Estremadura.

LINHA DO OESTE

Terminada a viagem pelo caminho de ferro do norte, tomemos outro que perto de Lisboa fica e que tem origem em Cacém, na linha de Sintra.

Cacém, entroncamento da linha de Sintra com a de oeste. Nada de importante a não ser o mato e as pedreiras de calcáreo que, na estação do

Sabugo, tem grande exportação em pranchas e blocos, o qual, depois de pulido, é dos mais belos mármores que Portugal possui, o que torna Pero Pinheiro num grande centro industrial.

Mafra, serve esta vila a 10 quilómetros, o seu grandioso mosteiro e a praia da Ericeira. A païsagem é a mesma, havendo, aqui e ali, algumas breves várzeas entre montes arredondados cobertos de mato.

Malveira, a linha, que até aqui tem subido, atinge o seu mais alto ponto, 255 metros, começando a descer pelo vale do Sisandro, patenteando já a cultura que a vai acompanhar por longa distância — a vinha.

Pero Negro,

Dois Portos, a região, desafogada dos montes, é cultivada em grande pela fertilidade do terreno, que se apresenta coberto de pujantes vinhas e de árvores de fruto.

Runa, defronte a *Quinta de Alcobaça*, onde há o Asilo dos Inválidos Militares, fundado pela Infanta D. Maria Francisca Benedita, irmã de D. Maria I, casada com o seu sobrinho, D. José, neto de D. José I. Foi seu arquitecto José da Costa e Silva e todo construído de mármores das pedreiras de Pero Pinheiro.

Tôrres Vedras, vila que se tem desenvolvido à sombra do seu velho e arruïnado castelo sobranceiro ao Sisandro, sendo hoje um importantíssimo centro vinícola. Esta estação serve ainda Varatojo, convento franciscano fundado por D. Afonso V e hoje asilo do Estado, a praia de Santa Cruz e a estância dos Cucos, com águas cloretadas, bicarbonatadas, empregadas com grande proveito em reumatismos crónicos, gota e menorreias. A linha passa o Sisandro, numa ponte de 30 metros, depois o Alcabrichel e vai servir o

Ramalhal, pequena povoação entregue ao amanho dos campos na cultura da vinha, trigo, milho, batatas e árvores de fruto.

Outeiro, serve Lourinhã vila importante pelo seu vinhedo. Daí passa a

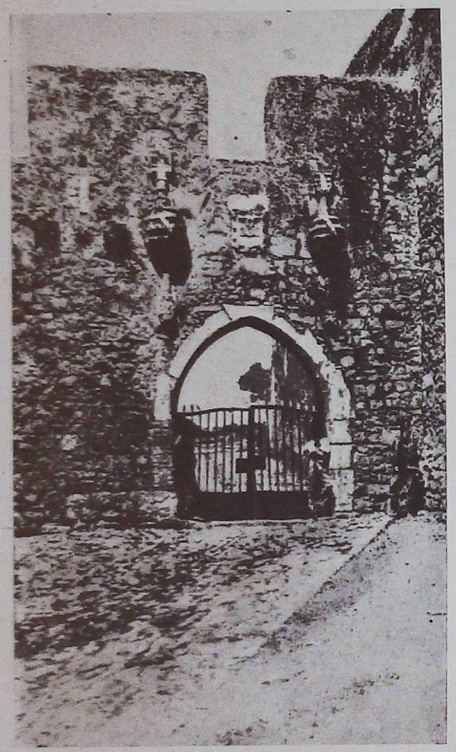
Bombarral, risonha vila, assente numa planície muito fértil, tendo à direita a Serra de Monte Junto que tem vindo a acompanhar a linha a distância, desde os Dois Portos, mas que aqui quebra bastante, dando origem à passagem da estrada do Cadaval, ponto

www.viagensemportugal.pt

de onde mais fàcilmente se ascende ao planalto da serra. Daqui goza-se um panorama dos mais largos e dos mais variados de Portugal, pois abrange ao nascente uma formosa e grande área do Ribatejo e ao poente todo o espaço que vai da decantada Sintra à piscosa Peniche com a imensidade do Oceano.

S. Mamede, serve Peniche, abundante pôrto de pesca e praia de vilegiatura.

Óbidos, povoação alcandorada e rodeada de altas muralhas em parte derruídas. Célebre por ter sido côrte de várias rainhas e pátria do poeta Francisco M. da Silva Malhão e do grande orador sagrado Padre Francisco Rafael da Silveira Malhão. Aqui viveu por muitos anos a afamada pintora Josefa de Óbidos, de quem, por várias igrejas da região, ainda restam belas obras. Após a estação, à direita, igreja do Senhor da Pedra. Atravessando numa ponte o Arnóia chega-se às



PORTA DO CASTELO DE TÔRRES VEDRAS

Caldas da Rainha, cidade já atrás descrita. A linha continua na planície formada por extensos areais, cortados por matas de pinheiros e terras de horta e, passado o

Bouro, chegamos a

S. Martinho, alegre vila, na curva galante da sua encantadora concha. Praia de banhos preferida por famílias conhecidas.

Cela, estação no sopé dum monte, tendo à esquerda, na frente e principalmente à direita, os grandes campos de cultura que outrora os trabalhos patrióticos dos frades bernardos de Alcobaça desbravaram, secaram, canalizando suas águas, e dando-os de aforamento às gentes que para êles chamavam. Esta estação serve a afamada Nazaré, praia de banhos a mais linda do País, e se um dia lá chegar o classificado e já estudado caminho de ferro Nazaré, Alcobaça, Batalha, Pôrto de Mós, Fátima, Ourém, Agroal e Tomar e introduzidos os benefícios da civilização nessa supreendentemente bela terra, será difícil encontrar então praia que a iguale, tais são os seus deliciosos e preciosíssimos predicados naturais, que uma boa e patriótica orientação fará, com toda a justiça, enaltecer, acrescentando-se também o ser um grande centro de excursões a notabilíssimos sítios como Nazaré–S. Bartolomeu, Nazaré–Alcobaça, Nazaré–S. Martinho, Nazaré–Caldas, Nazaré–Óbidos, Nazaré–Batalha, Nazaré–Pôrto de Mós, Nazaré–Leiria, Nazaré–Ourém, Nazaré–Tomar. A linha contorna a vasta planície agricultada. Reparar à esquerda no notável monte *S. Bartolomeu* que tam ligado anda ao último rei dos Visigodos, D. Rodrigo, que, nos campos de Barbate, em célebre batalha, perdeu a coroa e o reino, ao ser invadida a Península pelas audazes hostes de Tarik.

Valado, outra estação que dá serventia à Nazaré e Alcobaça. Bela e variada vegetação. A linha continua por entre pinhais que cobrem muitas léguas de dunas.

Martingança, daqui saem dois ramais de caminho de ferro: um para a moderna

www.vieiraguimaraes.pt

NAZARÉ — O SÍTIO E A PRAIA

e grande fábrica de Cimentos da Maceira e outro que leva à Batalha, em serviço das minas de carvão da *Match and Tobacco*, companhia exploradora de muitos jazigos que existem na região e que tem por centro a airosa Pôrto de Mós, terra célebre por tam presa estar às proezas famigeradas do lendário almirante D. Fuas Roupinho.

Marinha Grande, importante centro industrial de vidro. A linha deixa, à esquerda, o famoso *Pinhal de Leiria* e, flectindo para a direita, num pronunciado ângulo recto, aproxima-se de

Leiria, não tanto que não seja preciso percorrer uma distância de dois quilómetros e meio para lá dar entrada. Cidade já descrita atrás. A linha segue depois para o norte, seguindo por largo tempo o risonho vale do Lis até

Monte Real, estação que serve as Caldas dêste nome, dois quilómetros. Aguas sódicas mixtas, empregadas para combater litíase hepática e renal. Situação encantadora. Bons hotéis.

Monte Redondo,

Guia, agora a linha continua por entre pinheirais até

Louriçal, sítio agradável e convento afamado, hoje em ruínas. Última estação da Estremadura servida pela linha do oeste.

Vieira Guimarães.

www.vieiraguimaraes.pt

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA
1929

www.vieiraguimaraes.pt